

297

THEATRO

DE

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A MORTA



LISBOA

M. GOMES — LIVREIRO EDITOR

Rua Garrett (Chiado), 70-72

M DCCC XCI

A MORTA

*Drama em 5 actos, em verso,
representado no theatro de D. Maria II
em 30 de dezembro de 1890*

PERSONAGENS

D. PEDRO I, Rei de Portugal	J. ROSA.
LOURENÇO GONÇALVES, corregedor da côrte.	A. ROSA.
AFFONSO MADEIRA, escudeiro	BRAZÃO.
MENDO PERES, escudeiro	E. MAGALHÃES.
DIOGO ANNES, escudeiro	POSSER.
ESTEVAM LOBATO, creado de EL-REI...	J. COSTA.
O CONDE DE BARCELLOS	BAYARD.
DANIEL BOYNO, judeu, bufarinheiro	FERREIRA DA SILVA.
JOÃO PEREIRA, taberneiro	BAYARD.
AFFONSO ANDRÉ, mercador	BRAVO.
PERO DIAS, carpinteiro	O'SULLIVAND.
HASSAN, mouro	J. FERREIRA.
O PORTEIRO DO JUIZ DE AVIZ	PINHEIRO.
UM FRADE MENDICANTE	BAPTISTA MACHADO.
UM BESTEIRO	A. ANTUNES.
UM GALEOTE	CESAR DE LIMA.
UM PETINTAL	PINHEIRO.
UM CORDOEIRO	C. ROCHA.
1.º CAMPONEZ	J. FERREIRA.
2.º CAMPONEZ	C. ROCHA.
3.º CAMPONEZ	MASSAS.
UM ARAUTO	SILVA.
CATHARINA, mulher de LOURENÇO GONÇAL- VES	AMELIA DA SILVEIRA.
IZABEL TOSSE, sua mãe	VIRGINIA.
A ABBADESSA DE SANTA CLARA DE COIMBRA	EMILIA CANDIDA.
MOREYMA, moura, filha de HASSAN	A. BRES'D'LIND.
VIOLANTE, mulher de AFFONSO ANDRÉ...	A. O'SULLIVAND.
BRITES, filha de JOÃO PEREIRA	UMBELLINA.
UMA RAMEIRA	AMELIA VIANNA.
UMA CAMPONEZA	CHRISTINA.

Fidalgos e damas da côrte,
frades e freiras, homens de armas, gente do povo, etc.



ACTO PRIMEIRO

Sala de entrada nos paços de apar S. Martinho, em Lisboa. Á direita, aposentos de el-rei. Á esquerda, galeria com uma enfiada de portas, sendo a primeira a do aposento do corregedor Lourenço Gonçalves. Ao fundo, porta principal de entrada, dando sobre outra galeria, cujas janellas deitam para os lados do Tejo.—A scena começa de dia, devendo anoitecer durante o acto, conforme as indicações das rubricas e do dialogo.

SCENA PRIMEIRA

ESTEVAM LOBATO, *em scena*;

LOURENÇO GONÇALVES, *saíndo dos aposentos de el-rei*

LOURENÇO

Catharina onde está?

ESTEVAM

Nos vossos aposentos.

Vi-a com sua mãe, inda ha poucos momentos,
Entrando para ali.

LOURENÇO

Valha-me Deus! A mãe,
Não a esperava já. Bem sei para o que vem.
Suspirando.

Querem roubar-me a esposa, Estevam!

ESTEVAM

Que ? roubal-a ?

LOURENÇO

Por uns dias sómente! Embora! não me cala
No espirito o projecto. Inda estou noivo...

ESTEVAM

Sim ?

LOURENÇO

Ha dois annos casado apenas...

ESTEVAM

Quanto a mim,
O noivado de um velho é como a fructa secca;
Não tem viço nem côr, mas dura como a bréca.

LOURENÇO

Mas velho é que eu não sou!

ESTEVAM

Cantae-me a palinodia!

Na vossa idade o amor é já fructa serodia.
Por isso quando el-rei quer, com cega justiça,
Lançar peias no amor, vós ajudaes á missa.
É que as peias, a vós, ha muito que a bisonha
Natureza as lançou.

LOURENÇO

Que?

ESTEVAM

Sois como a cegonha
Que não póde comer na escudella da zorra.

LOURENÇO

Ruim lingua tu tens.

ESTEVAM

Que Deus me não soccorra,
Se o que eu digo é mentira.

LOURENÇO

Acuda Catharina

Em defeza do esposo.

ESTEVAM

Apenas a fascina

Um bom panno de Arrás, ou qualquer arrebique,
Que o judeu lhe vender...

LOURENÇO

Pois que não sacrifique

Um só desejo seu! Quero gastar á larga
Para adornal-a! Não! que eu tenho á minha ilharga
A dona mais formosa e mais gentil da côrte!
Que a todos enfeitice a graça do seu porte,
E que a minha mulher a todas se avanteje
Na riqueza do adorno e nas pompas do traje!

ESTEVAM

Se é tal vosso desejo...

LOURENÇO

E mais que o meu: o d'ella.

Inda o judeu lá está?

Estevam faz signal affirmativo.

Pois se não se acautela,
Arrisca-se a encontrar de noite, pelas ruas,
Um dos meus aguazis, que nas espaldas nuas
Lhe ensine co' tagante o caminho de casa.

ESTEVAM

O perro bem conhece as ordens. Não se atraza
Após o sol poente. Á custa de uns açoites,
Que uma vez apanhou, soube que são as noites
Nocivas aos judeus, fóra da Judiaria.

LOURENÇO

Mesmo para os christãos: a noite ha de ser fria,
E Catharina, embora envolta em terciopello,
É que ha de tiritar, caminho do Restello.

ESTEVAM, *à parte*

Não terá mais calor no leito conjugal!

LOURENÇO

Co'a fortuna! Inda falta a permissão real!
Se el-rei a recusasse!... Eu, só por mim, não tenho
Valor de resistir ao seu vehemente empenho.
Ordens, ella é que as dá!

ESTEVAM, *à parte*

Mulher que cinge a espada,

Homem fia na roca!

LOURENÇO

Esta ausencia forçada

Afflige! Emfim...

Entra nos seus aposentos.

SCENA II

ESTEVAM, só

Quem faz vontades á mulher
Bem nos diz o rifão, tome o que lhe vier.
Para este nada vem de bom. Pobre Lourenço!
Para santa ruim, mal empregado incenso!
A culpa é minha só, que abri a capoeira
Ao gallo rufião, de crista sobranceira.
A culpa é minha? ... Não! Cousas de femeação!
Mulher que anda no paço ha de ter embaraço.
Se o credulo marido ignorava este adagio,
Que se queixe de si, quando vir o naufragio
Que lhe escangalha o lar.

*Ouve-se preludiar n'um alaude, do lado dos aposentos
de el-rei.*

Eis o leviano amante,
Que enleva os corações nas azas de um descante.

Voç de AFFONSO MADEIRA, cantando fóra

Dona de corpo delgado,
Em forte ponto eu fui nado,
Que nunca perdi cuidado,

Nem afan, dês que vos vi:
Em forte ponto eu fui nado
Por vós, senhora, e por mi!

Ai! eu captivo e coitado,
Em forte ponto eu fui nado,
Que servi sempre logrado
Onde um bem nunca preendi.
Em forte ponto eu fui nado
Por vós, senhora, e por mi!

ESTEVAM

Linda trova!

SCENA III

ESTEVAM, O PORTEIRO DO JUIZ DE AVIZ,
apparecendo ao fundo

ESTEVAM

Quem sois?

O PORTEIRO

Porteiro de juiz.

Urge que eu falle a el-rei.

ESTEVAM

D'onde vindes?

O PORTEIRO

De Aviz.

ESTEVAM

Que pretendeis de el-rei?

O PORTEIRO

Venho buscar justiça.

ESTEVAM

Contra quem?

O PORTEIRO

Contra alguém cuja mão insubmissa
Ousou ferir em mim a grandeza da lei.

ESTEVAM

Oh! conta-me a aventura!

O PORTEIRO

É bem simples. Sabei
Que do juiz de Aviz eu recebi mandado,
Por debitos legaes, que fosse penhorado
Todo o bem do escudeiro... eu calo o nome agora,
Que é grande a parentela! Emfim, para a penhora,
Fui a casa intimal-o. E sabeis vós por que arte
O villão me attendeu? Sem mais tir-te nem guar-te,
Dá-me um soco no rosto, e sem pudor arranca
Um punhado de cãs á minha barba branca.

ESTEVAM

Oh! como é grave o caso! El-rei, sabendo a affronta...
Mas dizeis que a familia é nobre...

O PORTEIRO

Isso que monta?

A justiça de el-rei é forte; não manqueja,
Correndo atraz de um réu, por maior que elle seja.
Sabe-o demais o povo, e n'ella só confio...

ESTEVAM

Tendes rasão! Ella anda em linha sem desvio.
Perguntae novas d'ella ao bispo lá do Porto,
Que a mão regia açoutou. Por isso vos exhorto
A que falleis sem pejo. A vossa causa é boa.
Não ha de ser em vão que vindes a Lisboa.
Entrae.

Conduz o porteiro á porta dos aposentos de el-rei.

O PORTEIRO, satndo

Que Deus me ajude!

ESTEVAM

Assim seja!

Sae um momento com o porteiro.

SCENA IV

LOURENÇO, CATHARINA, IZABEL, DANIEL,
saíndo todos do aposento do corregedor,
logo depois ESTEVAM.

DANIEL *vem ajoujado com a sua pacotilha*
que pousa no chão

LOURENÇO *a* IZABEL

Maldosa,

Que furtaes ao marido a estremecida esposa!

CATHARINA, *beijando* IZABEL

Tambem sou filha.

IZABEL

Olhae que pallidez invade
Este lindo semblante! Os ares da cidade
São nocivos á flôr que em campos desabrocha.

LOURENÇO

Póde a seiva exhaurir do meu peito...

CATHARINA, *sorrindo*

É de rocha!

LOURENÇO

Assim queres deixar-me, ingrata!

CATHARINA

Quero apenas

Beber uns haustos de ar n'essas terras amenas
Onde infante vivi; largar por alguns dias
Esta côrte bisonha, as paredes sombrias
D'este paço real, e os seus tristes enredos;
Embriagar-me de luz no meio dos vinhedos,
Tunica esfarrapada e fresca da montanha;
Vêr a terra feraz, como se desentranha
Em perfumes, em luz, em canticos, em flores,
Recordar-me dos meus tão saudosos amores...

LOURENÇO

Dos teus amores?

CATHARINA

Sim! Ah! não tenhas ciumes!
Amores que me dava a rosa em seus perfumes,
O melro em seu gorgeio, o sol nos doces raios.

IZABEL

Vêdes? Não fazem mal taes amores! Deixae-os
Expandir livremente...

LOURENÇO

Ides tornar-me monge!

IZABEL

Podeis ir vel-a!

CATHARINA

Sim! podes...

LOURENÇO

Mas é tão longe!

CATHARINA, *com alegria mal dissimulada*

É certo!

IZABEL

No Restello, apenas uma legua

Distante de Lisboa.

LOURENÇO, *suspirando*

Emfim, mandaes! entrego-a

Nas vossas mãos, senhora!

CATHARINA, *batendo as palmas*

Oh! como tu és bom!

IZABEL

Quanto vos agradeço!

LOURENÇO a ESTEVAM, *que entrou no começo da scena*

Ella possui o dom

De me enfeitiçar! Vê tu se alguém lhe resiste!

ESTEVAM, *com amarga intenção*

Com força para tanto é que ninguém existe!

DANIEL, *que tem estado a arrumar a sua pacotilha*

Horas são de partir! Respeito as ordenanças
De el-rei nosso senhor. O sol desce...

LOURENÇO

E descansas

Ainda aqui no paço, onzeneiro protervo?

DANIEL

Bemdito Jehovah! como tratam teu servo!
Bem sabeis que por mim suspiram as donzellas
E as donas do palacio...

ESTEVAM

A quem tu desmantelas

Com mercancias vis, tão falsas como tu,
Judas nojento...

DANIEL

Ah! não! como o pobre Esaú,
Fico sempre de perda... E quando porventura
Das joias ao fulgor realçar a formosura,
Ficae seguro vós que esse lume do céu
Da pelle é que saíu do misero judeu.

LOURENÇO

Ruim luz a que sáe d'essa carcassa immunda.

DANIEL

A perola brotou de concha nauseabunda,
Tem rugas e má côr a casca do melão.

LOURENÇO

Já mostraste o recheio?

DANIEL

Estas damas não estão
Dispostas a comprar. E trago com certeza
Bellos pannos de Arrás, brocados de Veneza,
Sedas, rendas, anneis, lenços, perfumarias,
Perolas e coraes, brincos, especiarias...

IZABEL

Nada nos serve.

DANIEL

Não? Pois seda fina e cara
Heis de vêl-a ámanhã.

CATHARINA

A quanto custa a vara?

DANIEL

Só sabe Jehovah o quanto ella me custa.
Deve descarregar ámanhã de uma fusta,
Que ha pouco largou ferro em frente do Restello.
Um soberbo pacote! E não posso vendel-o
Senão com perda, crêde. Emfim se m'a compraes,
Inda bemdigo a fusta e mais o seu arraes,
Pois que trouxeram lenha em que deve queimar-se
Mais de um terno amador.

IZABEL

Abandona o disfarce.

A seda a quanto fica?

DANIEL

Ámanhã vol-o digo.

Irei a vossa casa, e levo-a então commigo.
Vós me direis depois se uma tal maravilha
Não reveste a primor as graças de uma filha
Tal como a vossa.

LOURENÇO

Hebreu! Supponho que inda gostas
De ver deitar-se o sol.

DANIEL

Fazem-me arder as costas
Os seus raios no occaso.

CATHARINA, *em voz baixa* a LOURENÇO

A seda, embora bella...
É melhor que a não compre.

LOURENÇO

Assim has de perdel-a?
Eu julgo que é melhor compral-a a todo o preço.

CATHARINA, *rindo*

És um prodigo esposo!

LOURENÇO

Acaso não mereço
Que te enfeites por mim, minha garrida?

ESTEVAM, *à parte*

Como

Eva sabe enfiar o malfadado pomo
Nas guélas de Adão!

IZABEL, *pegando n'um collar de perolas que está
na pacotilha do judeu*

Que esplendido collar!

CATHARINA, *tomando-o*

Magnifico!

Ouve-se de novo a voz de Affonso Madeira cantando durante alguns momentos.

À parte, largando o collar nas mãos de Daniel.

Meu Deus!

DANIEL

Se vós o q'reis guardar...

CATHARINA, *com resolução subita*

Depressa, minha mãe! É perigosa a volta

Ao Restello de noite...

IZABEL

Eu tenho boa escolta.

LOURENÇO

É mister permissão de el-rei! Minha inconstante,

Queres fugir de mim...

CATHARINA, *à parte, sombria*

Quero fugir do amante!

DANIEL

Gentil dona...

LOURENÇO

Judeu, convem que tu te salves

Do relento da noite.

Voz de EL-REI, fóra

Ó Lourenço Gonçalves!

El-Rei!

LOURENÇO

DANIEL, agarrando na pacotilha

Terrível rei que apparece ao sol posto!

São pelo fundo a correr. Lourenço corre á porta da direita, onde el-rei apparece, seguido de Affonso Madeira e do porteiro de Aviz.

SCENA V

Os MESMOS, EL-REI, AFFONSO MADEIRA,
O PORTEIRO

EL-REI, gritando

Acode, que um villão deu-me um sôco no rosto!
Corre, corregedor! Depressa, que o maldito
Me arrePELLa esta barba!

LOURENÇO, apontando para O PORTEIRO

Este villão?

É réu de um tal delicto

O PORTEIRO, tremulo

Senhor...

EL-REI

Não! sobre a sua face

É que Deus permittiu que o marau me affrontasse;
E aos pellos que a essa barba uns gadanhos protervos
Arrancaram, doeu-se o feixe dos meus nervos.

LOURENÇO

Como, senhor?

EL-REI

Lourenço, avia-te! depressa!

Apossa-te do vil! Quero a sua cabeça
Entre as mãos do çarrasco, e solta do pescoço,
Livida e gottejante, a fim de ver se posso
Arrancar-lhe inda mais sangue, do que elle fez,
Na perversa aggressão, subir á minha tez!

LOURENÇO

Quem foi?

EL-REI

O marruaz julgou teia de aranha
A justiça real, que os mosquitos apanha
E deixa em liberdade os moscardos. Verei
Como elle ha de bailar nos palpos do seu rei,
Seja embora seu tio alcaide de Lisboa!